


LEITURA EXPANDIDA: A LITERATURA COMO PONTE EM AÇÕES REALIZADAS EM ÁREAS E SITUAÇÕES PERIFÉRICAS

*EXPANDED READING: LITERATURE AS A BRIDGE IN ACTIONS
TAKEN IN PERIPHERAL AREAS AND SITUATIONS
EARLY CHILDHOOD EDUCATION*

Bianca Magela Melo  0000-0002-8023-1479
Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários - UFMG
Universidade Federal de Minas Gerais
biancademelo@gmail.com

Recebido em 01 de agosto de 2021

Aceito em 29 de dezembro de 2021

Resumo: O artigo busca compreender a concepção de leitura desdobrada segundo oito experiências fomentadoras de comunidades leitoras em diferentes locais do Brasil: MG, SP, RS, PB e DF. São todas iniciativas extraescolares previamente agraciadas com o prêmio Vivaleitura, outorgado até 2016 pelo governo federal. Para incentivar a leitura de literatura junto a públicos não familiarizados com esta, as iniciativas pesquisadas se vinculam a objetivos que levam em conta aspectos sociais e de fortalecimento da subjetividade das pessoas atendidas. O artigo procura entender as propostas segundo uma noção da leitura como prática social encarnada em diferentes contextos e, para isso, serão apresentadas motivações e ações realizadas pelos/as proponentes para atingir os objetivos de cada projeto. As práticas observadas são associadas a conceitos de leitura literária (PAULINO, COSSON) e aos temas do direito à literatura (CÂNDIDO, MONTES) e da mediação de leitura (PETIT).

Palavras-chave: Leitura. Comunidade leitora. Letramento literário. Direito à literatura. Vivaleitura

Abstract: This article aims to understand the concept of reading unfolded according to the understanding and practice of eight experiences that foster reader communities in different parts of Brazil: MG, SP, RS, PB and DF. These are all initiatives awarded the Vivaleitura award, granted until 2016 by the federal government. To encourage the reading of literature with audiences unfamiliar with it, the projects are linked to objectives that take into account social aspects and the strengthening of the subjectivity of the people served. The article aims to understand the actions according to a notion of reading as a social practice embodied in different contexts and, therefore, motivations and actions carried out by the managers to achieve the objectives of each project will be presented. Practices observed associated with concepts of literary reading (PAULINO, COSSON) and themes of the right to literature (CÂNDIDO, MONTES) and reading mediation (PETIT).

Keywords: Reading. Reading community. Literary literacy. Right to literature. Vivaleitura

Este artigo é resultante de um levantamento realizado com recursos do Fundo emergencial da Lei Aldir Blanc.

1 Quando falta uma etapa

Algumas práticas são transmitidas mais do que ensinadas. A partir de um exemplo, a pessoa se inspira, se contamina e, por fim, se apropria. Com a leitura de literatura geralmente é assim conforme pôde observar a antropóloga francesa Michèle Petit. Ela menciona exemplos de pessoas que tiveram, desde cedo, a presença da mãe ou de outro/a cuidador/a a narrar histórias, ler e fabular, um caminho comum descrito por muitos/as que se tornaram adultos/as leitores/as: “na França, o número dos grandes leitores é duas vezes maior entre os que se beneficiaram de histórias contadas pelas mães todos os dias do que entre os que não ouviram nenhuma” (PETIT, 2009, p. 26).

Porém, essa presença inspiradora na direção das histórias não é a regra para todas as crianças brasileiras nascidas em uma sociedade desigual na qual muitas famílias não têm recursos e acesso ao livro e a seu entorno; e ainda em que as condições psíquicas do adulto e as condições de disponibilidade deste em relação à criança são pautadas, em muitas situações, por necessidades e questões cruas de sobrevivência. Quando não é possível haver a vivência lúdica na família (o que, naturalmente, não depende de livros para acontecer), faltará às crianças uma etapa: aquela em que a literatura, oral ou escrita, afirma Michèle Petit, “prepara para um uso da língua tão essencial e vital quanto ‘inútil’, o mais perto possível da vivacidade dos sentidos e do prazer compartilhado, longe do controle e da nota”. (2009, p. 26)

Este artigo parte da indagação sobre as possibilidades de promover o encontro entre o texto literário e jovens e adultos sem histórico de contatos longos com ele na infância. A pergunta margeadora e anterior à definição do *corpus* da pesquisa foi: Como projetos de estímulo à leitura para esse público – a exemplo de alguns citados por Petit em *A arte de ler ou como resistir à adversidade* (2009), referência inaugural para nossa discussão – conceituam e operam com a leitura? Desdobrada em outra: o que eles esperam alcançar como meta para as pessoas participantes, já que a leitura foi eleita como espinha dorsal das ações?

Com este questionamento no horizonte, foi iniciada uma busca por projetos no Brasil focados no estímulo e na mediação de leitura. O *corpus* da pesquisa é composto pelo relato de gestores/as de oito projetos de diferentes locais do país. A fim de ter como critério iniciativas já validadas e reconhecidas, a opção foi selecionar exemplares entre as vencedoras ou finalistas de uma premiação relevante na área, no caso o Vivaleitura,¹ concedido pelo governo federal (entre 2006 e 2016) a projetos promotores da ampliação da leitura. Dentro do escopo dos contemplados, optou-se por aqueles direcionados a jovens ou adultos sem tradição de leitura (o que não excluiu as propostas que, além do público descrito, contemplassem também o segmento infantil).

Tendo em mãos a lista dos oito escolhidos e, após pesquisas prévias nos sites dos projetos e em alguns relatórios do extinto Ministério da Cultura (nem todos foram localizados em pesquisas na internet), os/as responsáveis pelas ações foram contatados/as. A todos/as foi enviado o mesmo questionário com quatro questões diretas² que visavam a conhecer as motivações do projeto, as conquistas perceptíveis, os

¹ Devido à pandemia do novo Coronavírus (Covid-19) e à consequente impossibilidade de visitar pessoalmente projetos para conhecimento das ações, a opção foi por partir de iniciativas já reconhecidas com uma premiação de relevância. O prêmio Vivaleitura, do qual foram tirados os exemplos, foi criado como desdobramento do Ano Ibero-Americano da Leitura (2006) em ação conjunta do extinto Ministério da Cultura (MinC) e do Ministério da Educação (MEC) e, ao longo dos anos, teve participação de organizações da sociedade civil. Ele era parte integrante do Plano Nacional de Livro e Leitura (PNLL) e premiava anualmente projetos de pessoas físicas e de instituições.

² As questões enviadas foram: 1) O que motivou o projeto? / 2) Os livros ofertados são somente de ficção ou há outros? / 3) O que é leitura para vocês ou o que esperam como conquista dos/as atendidos/as em

tipos de livro usados (ficção ou não ficção) e, principalmente, o que eles entendiam como leitura-fim; quer dizer: o que buscavam como objetivo no âmbito da leitura.

Os questionários foram respondidos via videoconferências, ligações telefônicas, áudios de WhatsApp ou por e-mail. Do ponto de vista das informações dos projetos, então, elas são baseadas nas pesquisas prévias e nas confirmações e falas dos/as proponentes. Dos oito pesquisados, apenas dois não seguem ativos: “À Flor da pele” (RS), substituído por ações da responsável junto a outros públicos, e o “Ler pra valer em todos os cantos” (MG), encerrado em processos de mudança de gestão municipal.

Abaixo a lista de projetos com os respectivos anos de premiação:

| | |
|---|---|
| Biblioteca do Arsenal Esperança (São Paulo/SP) | Desenvolvido no Arsenal Esperança, local de acolhida de pessoas em situação de rua (vencedor em 2011) |
| Borrachaloteca – um jeito diferente de ler o mundo (Sabará/MG) | Da Biblioteca comunitária Borrachaloteca, (vencedor em 2007) |
| Ler pra valer em todos os cantos (São Gonçalo do Rio Abaixo/MG) | Promovido pela Secretaria Municipal de Cultura via biblioteca municipal (finalista em 2012) |
| À Flor da pele (Santa Cruz do Sul/RS) | Desenvolvido pela escritora Marli Silveira com mulheres detentas (vencedor em 2016) |
| Biblioteca comunitária Graça Rios (Belo Horizonte/MG) | Sob a responsabilidade de Vanilda de Jesus Pereira, fundadora da biblioteca (finalista em 2008) |
| “Poesia viva – a poesia bate à sua porta” (Mariana/MG) | Desenvolvido por poetas do jornal Aldrava Cultural (vencedor em 2009) |
| Literatura cura (Brasília/DF) | Do Instituto Chamaeleon, promotor de assistência a vítimas de violência doméstica e sexual (vencedor em 2016 ³) |
| Grupo Atitude, por uma cidade leitora (Caiçara/PB) | Liderado pelo Grupo Atitude, formado por voluntários entusiastas do estímulo ao hábito de leitura (vencedor em 2014) |

Quadro 1 - projetos pesquisados

Depreende-se das entrevistas que, sem excluir outras, a leitura de ficção é a principal aposta e, portanto, falaremos especialmente de leitura de literatura. Após o cruzamento das informações coletadas, elegeu-se uma orientação metodológica que favoreceu a centralidade das percepções descritas nas falas. Relacionando-as à pergunta inicial sobre a “leitura-fim”, alguns assuntos mostraram-se recorrentes e, portanto, foram usados como chamariz para discussões teóricas que puderam iluminar a compreensão do que se observava. Alguns deles: o interesse na subjetividade do público, a consciência das carências psíquicas e materiais do público, a busca por estabelecer uma relação de confiança, o acesso ao livro como uma bandeira de trabalho, a literatura pensada como um direito, a inserção dos livros e das ações em ambientes cotidianos das pessoas, temas que serão retomados no decorrer desta comunicação.

relação à leitura? / 4) Quais foram as reações mais visíveis advindas do contato com a leitura por parte do público do projeto?

³ O ano de premiação coincide em algumas situações, pois o prêmio era concedido, a cada edição, a projetos de mais de uma categoria.

Os oito projetos de mediação de leitura operam com uma compreensão de leitura diferente do mais tradicional sugerido (ou entendido) durante a vida escolar de boa parte dos/as estudantes: aquele baseado na interpretação, às vezes restrita à decodificação de textos no qual a pessoa não chega a ser um “leitor literário”, termo que teremos a oportunidade de abordar daqui a pouco. A demanda pragmática da educação formal se justifica, em parte, pela visada da leitura como habilidade necessária para que os/as estudantes tenham desempenho satisfatório nos graus de ensino e nos testes que exigem habilidade de interpretação de questões e redação, a exemplo do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). No caso dos/as gestores/as dos projetos extraescolares ouvidos, quando falam dos seus objetivos, a resposta mais óbvia – “espera-se formar leitores e leitoras” – é problematizada com as considerações sobre o que seria essa leitura a ser alcançada em relação a seus públicos especificamente.

É bom lembrar que a atividade leitora é, de início, inapreensível em sua diversidade de combinações. Como afirmou Roger Chartier (1998), “a leitura não é jamais limitada, não podendo ser deduzida dos textos dos quais ela se apropria” (p. 27). Levando em conta também que as estratégias de escrita e os modos de apresentação dos textos literários conduzem a lógicas e modelos que não deixam de impactar a leitura, Chartier enuncia “o paradoxo fundador de toda a história da leitura que deve postular a liberdade de uma prática da qual só podemos capturar as determinações”. (1998, p. 27) Como historiador que se ocupa da atividade leitora, ele cita, entre as vias possíveis para entender tal atividade, a que consistiria em “localizar a diferença social nas práticas mais do que nas diferenças estatísticas”. (1998, p. 27) Algo do tipo busquei fazer com a escolha da presente abordagem centrada nas práticas dos projetos.

2 Com qual leitura se vai?

Ler por iniciativa própria não é um hábito geral da população do país. Segundo a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (do Instituto Pró-Livro em parceria com o Itaú Cultural), apenas 52% dos brasileiros têm o hábito de ler livros. Entre estes, a referência de obra mais citada (por 35% das pessoas que leem) é a Bíblia. Entre 2015 e 2019, período de intervalo entre as duas últimas edições da pesquisa, o país perdeu 4,6 milhões de leitores.

Os projetos selecionados para diálogo nesta pesquisa, que desenvolvem ações para inserir livros de literatura em ambientes em que eles não estavam, escolheram caminhos diversos, porém coincidem em perspectivas no que diz respeito ao modo de compreender a leitura. Entre as respostas obtidas para a questão mais central desta pesquisa – “o que é leitura?” – sobressaem-se, sobretudo, duas percepções: 1) a leitura como uma possibilidade para as pessoas contempladas conhecerem a si mesmas; 2) e a leitura pensada como uma ponte para alcançar posições e/ou segurança e/ou dignidade. A questão enviada a todos/as foi “Sendo um projeto de estímulo à leitura, gostaria de saber o que é leitura para vocês? Ou explicando melhor: o que vocês esperam que a pessoa beneficiada pelo projeto alcance como conquista em relação à leitura.”

As iniciativas distantes geograficamente uma da outra – Mariana, Belo Horizonte, Sabará e São Gonçalo do Rio Abaixo, em Minas Gerais; Santa Cruz do Sul (RS); São Paulo (SP); Brasília (DF) e Caiçara (PB) – coincidiram na menção do descortinar da interioridade como algo desejável: “Leitura de si mesmo”, “autonomia intelectual”, “experimentação da liberdade”, “valorização da pessoa”, “autoconhecimento” e “motivação para a busca individual por conhecimento” foram citados. Evidencia-se o desejo de que a literatura possa servir como propulsora para

ligar as pessoas atendidas a objetivos pessoais e sociais que dizem respeito ao fortalecimento psíquico e também à saúde e à inclusão delas.

A direção de inclusão social se mostra mais enfaticamente nos projetos localizados em áreas urbanas periféricas, como a Biblioteca Graça Rios, de Belo Horizonte (MG), ou para aqueles voltados a grupos de extrema vulnerabilidade, a exemplo das vítimas de abusos sexuais e de violência doméstica atendidas pelo “Literatura cura”, do Instituto Chamaeleon (Brasília/DF), e das detentas ligadas ao “À flor da pele” (Santa Cruz do Sul/RS). Nenhum deles mencionou objetivos cognitivos diretamente ligados ao rendimento escolar como se pode verificar no quadro a seguir no qual foram incluídas as palavras-chave retiradas das entrevistas.

| Projeto/Responsável | Termos-chave para responder a “O que é leitura/o que se espera como conquista” |
|--|--|
| “Biblioteca do Arsenal Esperança” / Biblioteca do Arsenal (São Paulo/SP) | Leitura de si mesmo/ Dignidade/ Esperança/ Estímulo para mobilizar os recursos da pessoa. |
| “Borrachaliteca - um jeito diferente de ler o mundo” / Biblioteca comunitária Borrachaliteca (Sabará/MG) | Oportunidade de ter mais de um canal de informação / Ampliação da visão de mundo/ Literatura como direito humano/ Leitura como prazer. |
| “Ler pra valer em todos os cantos” / Secretaria de Cultura de São Gonçalo do Rio Abaixo (MG) | Ferramenta de inclusão / Autonomia intelectual. |
| “À Flor da pele” / Escritora Marli Silveira (Santa Cruz do Sul/RS) | Experimentação da liberdade/ Encurtamento de distâncias/ Fundamental para a condição humana. |
| “Biblioteca comunitária Graça Rios” / Vanilda de Jesus Pereira (Belo Horizonte/MG) | Instrumento de transformação de vidas/ Valorização da pessoa/Algo que deve ser de acesso amplo. |
| “Poesia viva – a poesia bate à sua porta” / Poetas do jornal Aldrava Cultural (Mariana/MG) | Leitura de si mesmo/ Ato de liberdade e libertação do eu/ Desenvolvimento de potencialidades adormecidas/ Acionamento de criatividade e pulsões/ Aprendizado sobre modos de enxergar o que está à sua volta. |
| “Literatura cura” / Instituto Chamaeleon (Brasília/DF) | Autoconhecimento/ Auxiliar no processo terapêutico de desprendimento de traumas e pesadelos/ Apoio para consciência do papel social como cidadão. |
| “Grupo Atitude, por uma cidade leitora” / Grupo Atitude (Caiçara/PB) | Criação de hábito, inclusão na rotina/ Transformação de vida/ Motivação para a busca individual por conhecimento. |

Quadro 2 - Palavras-chave sobre leitura

A leitura de literatura surge como um meio para alcançar um fim para além dela. Ela se alinha ao objetivo maior do Arsenal da Esperança, na cidade de São Paulo, conforme explica o coordenador da biblioteca do espaço, Padre Simone Bernardi. Fundado em 1996,⁴ o Arsenal é um albergue social que recebe 1.200 homens em situação de rua diariamente no mesmo local em que funcionou a Hospedaria dos

⁴ O Arsenal da Esperança é um braço da Sermig – Fraternidade da Esperança, organização fundada na Itália, que desenvolve trabalhos sociais e de assistência também em outros países.

Imigrantes – do final do século XIX a meados do XX, o espaço acolheu estrangeiros que chegavam ao Brasil.

Estou falando de uma pessoa que se deita em uma calçada, se cobre com um papelão. Agora você entrar, vê-la na biblioteca, sentada em uma mesa, procurando um livro é bem diferente. Porque todo mundo já teve uma vida. Ele pode ter sido professor, um bom aluno, gostava de ciência ou fantasia. Quem é que dá oportunidade de perguntar isso a ele? A biblioteca cria um contexto em que se permite essa abordagem. Não é um atendimento clássico. O voluntário [atendente da biblioteca] procura fazer uma troca de par a par. Isso é muito forte. É um remédio. Se a pessoa escolhe um livro, isso pode gerar uma pergunta sobre o interesse ou a experiência dele. A pessoa ainda é uma pessoa. Somos católicos, mas aqui tem livros espíritas e livros de todo jeito porque o que nos interessa é colocar essa pessoa de pé. Que ele entre na biblioteca e se aprofunde sobre aquilo que gosta. Que volte a ter algo que ele tinha, mas que está embaixo de seus problemas há muito tempo. Seria despertar a esperança adormecida. É mais fácil ver o que não dá certo: o problema, a vergonha, mas tem também a esperança, os recursos da pessoa. (informação verbal)⁵

A maneira como Simone Bernardi conecta o acesso ao livro à redescoberta do que ele chama de “recurso da pessoa” remonta ao ponto coincidente com outros projetos: a crença de que o conhecimento de si, via leitura, pode ser iluminador e ampliador da visão. A biblioteca, hoje com 5.000 títulos e aberta todos os dias da semana no horário noturno, começou espontaneamente. Alguns livros recebidos por doação, alocados em caixas no canto de uma sala de espera, recebiam a atenção de um ou outro que, desde então, tinham liberdade para pegá-los. Diante do interesse, os exemplares foram levados primeiro para uma estante e depois para uma sala de leitura, ampliada sempre com doações. Aos poucos, a sala se transformou em uma biblioteca, em parte pelo empenho de um ex-acolhido da casa, Lourival Lopes Cancela, que se apaixonou pelos livros e cursou formação em biblioteconomia.

Atualmente, o atendimento e a organização do acervo são garantidos por 20 pessoas voluntárias que se revezam nas idas ao abrigo no fim de cada dia. Conforme Simone Bernardi, 10% dos acolhidos da casa frequentam o local. “Nosso motivador principal é a filosofia de fundo aqui: dar uma acolhida para a pessoa. Entendemos que isso significa dar de comer, de beber, possibilitar um banho, mas ninguém vive só disso.” (informação verbal)⁶

Para o público da Biblioteca do Arsenal, assim como para o do projeto “À Flor da pele”, desenvolvido em Santa Cruz do Sul (RS), as ações tentam ofertar um alimento intangível, quase sempre negado a essas pessoas invisibilizadas socialmente. A escritora Marli Silveira, idealizadora e executora do “À Flor da pele”, foi surpreendida pela consciência sobre determinado grupo social ao visitar, em 2012, seu último ano como secretária de cultura de Santa Cruz do Sul, a ala feminina do presídio local. Por causa de uma ação cultural relacionada ao Dia Internacional da Mulher, ela entrou no centro de detenção pela primeira vez.

⁵ BERNARDI, Simone: depoimento [abr. 2021]. Entrevista concedida a Bianca M Melo. *Online*.

⁶ BERNARDI, Simone: depoimento [abr. 2021]. Entrevista concedida a Bianca M Melo. *Online*.

No dia anterior, tinha sido presa uma moça de pouco mais de 18 anos e ela chorava muito. Não só ela, mas muitas mulheres que ali estavam me tocaram para uma dimensão muito humana, de que naquele instante a gente se misturava, não havia uma separação. Nós éramos todas mulheres e todas mulheres tocadas por alguma coisa. Desde aquele momento, eu pensei que seria muito difícil continuar coordenando a cultura e sendo uma espécie de liderança na cultura do município sem fazer ações dentro do presídio para as mulheres detentas. (informação verbal)⁷

Contando apenas com sua escuta e fala, e apoiada por livros que puderam ser deixados em uma sala para acesso das que se interessassem, Marli Silveira tocou o projeto por conta própria durante seis anos. Na fala sobre seu entendimento do que seria leitura e do que esperava como envolvimento no projeto, a palavra liberdade aparece em duas acepções: no método para condução do trabalho e no modo de compreender o encontro entre a expressão artística e a pessoa atendida. Eventualmente, o local recebia alguma atração cultural e as mulheres chegaram a fazer visitas a eventos literários, mas o cerne do projeto eram as visitas regulares de Marli ao presídio, no qual se faziam leituras coletivas, bate-papos e saraus de poesias. Nessas ocasiões, elas recebiam estímulo para que pudessem se expressar. “Minha interação com elas sempre foi no sentido de fazer com que elas lessem, mas principalmente também escrevessem. Então, o que era chamado de oficina de leitura e escrita na verdade era um deixar fazer e um deixar ler.” (informação verbal)⁸

Por perceber que o clima geral do presídio oscilava segundo ocorrências variadas, Marli optou por não levar pronto um conjunto de objetivos a serem alcançados. “Não havia nenhum escopo predeterminado de leituras fixas, nem um tipo de leitura no sentido de dizer quais seriam as leituras fundamentais e nem o que elas deveriam escrever.” Na atitude de permitir as manifestações de sentimento das que desejassem expô-las, Marli Silveira editou três revistas e dois livros com narrativas escritas pelas detentas.

As vivências junto às mulheres, refletidas pela escritora também em sua tese de doutorado no campo da filosofia, levaram-na a defender, na teoria e na prática, uma experiência de liberdade que pode ser favorecida pela literatura e pela escrita ainda que em condições de limitação espacial.

É um pouco a ideia de que é possível experimentar a liberdade mesmo estando preso. Pensar a liberdade como próprio da condição humana, desse modo de ser quem somos. Quero lembrar uma das primeiras frases que li das detentas. Uma delas escreveu que podia ouvir a distância. Essa foi uma das frases que mais me tocou. Quem pode ouvir a distância? Esse “a” não tem acento diferencial. É ouvir a distância mesmo, como se distância fosse audível. Somente pode ouvir a distância, como se a distância tivesse barulho, quem está segregado, quem foi impedido. Isso me marcou muito, profundamente. E é por isso que a gente fez e manteve o projeto, sempre tentando alongar esse conceito de leitura, de literatura, esse campo de encurtamento das distâncias. A leitura e a literatura são fundamentais para a condição humana. (informação verbal)⁹

⁷ SILVEIRA, Marli: depoimento [mar. 2021]. Entrevista concedida a Bianca M Melo. *Arquivo de voz*.

⁸ SILVEIRA, Marli: depoimento [mar. 2021]. Entrevista concedida a Bianca M Melo. *Arquivo de voz*.

⁹ SILVEIRA, Marli: depoimento [mar. 2021]. Entrevista concedida a Bianca M Melo. *Arquivo de voz*.

A distância ouvida pela detenta e não audível para a maioria pode ser narrada, acredita Marli. O exercício de liberdade aí estaria no acesso, precário ou intenso, a formas de sentir e expressar impressões de um ponto de vista particular da existência. No caso, o ponto de vista de mulheres encarceradas, parte de uma população que, conforme percepção de Marli Silveira, é cada vez mais jovem e cujo motivador principal da prisão (do grupo acompanhado por ela) é a chamada guerra às drogas, uma vez que as mulheres são frágeis pontas expostas que caem na lógica de punição que privilegia o encarceramento.

3 Ações ao alcance da mão

Em lugar de buscar no exterior a forma de operação ou as motivações para empreender uma ação com vistas à leitura, esses projetos fazem o que está ao alcance da mão. A referência é à maneira de ação escolhida e também à opção de atender a um público próximo. Um exemplo está na atitude da Borrachaloteca de Sabará (MG), biblioteca comunitária fundada em 2002, inicialmente dentro da borracharia do pai de Túlio Damascena, responsável pela proposta. Com a adesão de doadores de livros e da comunidade, e ainda com o entusiasmo de Túlio, que deixou o trabalho de borracheiro e passou a se dedicar aos livros, a Borrachaloteca chegou a ter quatro unidades. O número foi reduzido para duas (todas em regiões periféricas de Sabará) e outras ações grandes foram abolidas, conforme ele explica: “Descobrimos que nossa vocação é ser formiguinha, sem fugir do foco da literatura. Alguns editais de incentivo aparecem e não entramos mais se não estiver no nosso foco. Tentamos adaptar no passado, mas agora nossa história é ser pequeno.”¹⁰

Durante a pandemia de Covid-19, quando parte das ações e contatos se voltou para o ambiente virtual, eles resolveram montar um kit com livros escolhidos para distribuir a famílias do entorno das duas unidades a fim de não perder o vínculo. O início da biblioteca também corrobora o que foi dito sobre ações ao alcance da mão, pois a ideia de levar livros para a borracharia onde Túlio aprendia o ofício com o pai, veio da interação que ele já percebia da comunidade com o espaço e com os jornais que ficavam à disposição de quem por lá passasse. Foi uma ampliação de uma movimentação já existente.

O despojamento do espaço auxilia na aproximação do público. Mesmo que agora a biblioteca funcione em um imóvel separado, vizinho à borracharia e, considerando que as operações de empréstimo de livros são mais ou menos previsíveis, há diferenças. Em muitas ocasiões, é a própria pessoa quem faz no caderno de empréstimo as anotações do livro que vai levar para casa. Durante a entrevista (por videoconferência), Túlio apresentou as páginas escritas com letras diversas. A demonstração de confiança é valorizada, assim como na biblioteca do Arsenal da Esperança, que permite que os acolhidos, pessoas em situação de rua, saiam com os livros. Na Borrachaloteca, já aconteceu de sumirem algumas obras (o campeão de desaparecimentos é *O diário de um banana*), mas Túlio Damascena explica que as doações são em número tão generoso que vale o risco quando se fala em aproximar alguém de um livro.

Pelo depoimento de Vanilda de Jesus Pereira, fundadora da Biblioteca Graça Rios, de Belo Horizonte entende-se que a relação de confiança é tida como um valor

¹⁰ DAMASCENA, Túlio: depoimento [abr.2021]. Entrevista concedida a Bianca M Melo. *Online*.

pelas bibliotecas comunitárias que objetivam criar ambiência para deixar os usuários à vontade no espaço. Muitas são as pessoas frequentadoras que não costumam comprar livros ou visitar outras bibliotecas e, não raro, tiveram situações de privação de bens culturais, como ocorreu com a mentora da biblioteca. A semente da Graça Rios foi plantada em 1977, quando Vanilda, ainda adolescente e trabalhando como empregada doméstica na capital mineira, foi repreendida pela patroa por estar lendo um livro de propriedade desta. Vivendo com os empregadores e estando o tempo todo à disposição, Vanilda se interessou pelo livro *A escrava Isaura* (Bernardo Guimarães) descoberto enquanto ajudava a filha da dona da casa nas tarefas escolares.

A demissão sob o argumento de que ela “não era paga para ler” acendeu o desejo de ter seus próprios livros que não ficariam restritos à sua pessoa. Mais tarde, catando papéis nas ruas, encontrou os primeiros que formariam seu acervo com outras doações e aquisições e que serviam de socorro nos deveres de casa das crianças da sua vizinhança. “Me tiraram o direito de ler e eu achei que outras pessoas não precisavam passar pelo mesmo processo que eu passei para ter direito à leitura. Decidi muito cedo comprar livros, ler e emprestar para quem quisesse ler.” (informação verbal).¹¹

As atividades feitas em uma vila na região da Pampulha, em Belo Horizonte, se mantiveram e cresceram com apoio de voluntários – o acervo tem hoje 22 mil volumes. Por ter vivido a experiência da privação de um livro de seu interesse, Vanilda faz questão que não haja obstáculos para os empréstimos: “Para pegar livros a única dificuldade é que tem que vir aqui pegar. A porta está sempre aberta e os livros na prateleira. Não precisa de autorização, nem documentos. Não precisa procurar ninguém. É entrar e pegar o livro.”¹²

Desde o início, a Biblioteca Comunitária Graça Rios esteve aliada a atividades assistenciais diretas, pois o ambiente em que está instalada apresenta carências sociais de muitas ordens. Atualmente, a biblioteca está localizada no espaço de convivência “Casa do Grande Coração” no qual Vanilda e colaboradores ofertam doações, cestas básicas e serviços assistenciais mais especializados à população da Vila Paquetá (psicologia, informática, artesanato, palestras educativas, entre outras disponíveis conforme o grupo de voluntários). Agir segundo a necessidade do seu local de inserção neste exemplo é um imperativo que gera uma proximidade inusitada entre livros e assistência social.

O exemplo das bibliotecas comunitárias Borrachaloteca e Graça Rios, uma nascida dentro de uma borracharia e a outra ligada a ações sociais em uma vila urbana, demonstra que a universalidade, algumas vezes associada à literatura e a suas personagens, não vale para os modos de ler. Aqui, na prática, vemos, como afirmou Roger Chartier, que “a leitura é sempre uma prática encarnada em gestos, espaços, em hábitos” (1998, p. 13). Ele o afirma em favor de uma “história das maneiras de ler” feita à luz da modalidade concreta do ato de ler. Os contrastes nessa seara são muitos, a começar pelo mais elementar que seria a alfabetização e a leitura, não necessariamente associadas em uma perspectiva de causa e consequência diretas.

Há contrastes, igualmente, entre as normas e as convenções de leitura que definem, para cada comunidade de leitores, os usos legítimos do livro, as maneiras de ler, os instrumentos e procedimentos de interpretação. Contrastes, enfim, encontramos entre os diversos

¹¹ PEREIRA, Vanilda Jesus: depoimento [mar. 2021]. Entrevista concedida a Bianca M Melo. *Arquivo de voz*.

¹² Depoimento ao programa de entrevistas no canal Humanitarismo, no *you tube*. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=NsApAh311_E&t=28s> Consulta em 01/04/2021.

interesses e expectativas com os quais os diferentes grupos de leitores investem a prática da leitura. (CHARTIER, 1998, p. 13)

Chartier, que pesquisou o tema da leitura a partir da circulação de livros na Europa entre o fim da Idade Média e o século XVIII, toma o cuidado de não encerrar também em cada comunidade de leitores um tipo de leitura que seria característico desta. O termo “comunidade de leitores” é usado por ele de forma ampla para designar grupos de pessoas leitoras circunscritas. No presente trabalho, ele designa um conjunto de pessoas que se reúnem ao redor de – ou apenas cruzam – um espaço ou projeto disseminador do livro. Nos nossos exemplos, a comunidade de leitores está contida em outro núcleo, outra comunidade de afinidade ou circunstância dentro dos espaços geográficos ocupados.

4 Leitura literária

Estamos diante de ações cujo eixo é a leitura de literatura, mas que operam com uma concepção ampla de leitura. Os/as gestores/as dos projetos culturais ouvidos desejam que as pessoas leiam e isso inclui conhecimentos prévios sobre esse público e medidas para imbuir nessas pessoas o sentimento de que são próximas ou proprietárias daquele acesso aos livros. Porém, só a disponibilização de livros não é suficiente em nenhuma situação até agora descrita. Como indicado, as ações e a escolha da leitura como ferramenta se justificam por objetivos sociais e/ou culturais associados ao público. Por sua vez, tais objetivos calcam o *modus operandi* dos projetos, no que se poderia afirmar que a concepção de leitura aí é determinada pelo entorno do encontro entre o livro e aquele que o lê. Chama a atenção também que, quando se alcança o êxito de estimular alguém a ler, o direcionamento é sempre para uma leitura, digamos, literária e não produtiva ou acadêmica como está indicado na fala de Túlio Damascena, da Borrachaloteca. “Contar pra mim qual é o enredo não é nosso papel. Nosso papel é que a pessoa tenha um prazer pela leitura. Que se sinta motivada a ler mais e mais através de um livro que a cativa.”

Ao abordarem o tema da leitura, alguns pesquisadores destacam a leitura especificamente literária. E as práticas que visam promovê-la, conformam o que vem sendo chamado nas últimas décadas no Brasil de letramento literário. É sempre preciso lembrar, como o faz Graça Paulino (2008), o risco envolvido nas afirmativas sobre os modos de leitura, pois, apesar de recebermos, em geral, de maneira particular a diferentes textos, não é possível separar categoricamente as leituras em tipos rígidos, levando em consideração a complexidade e imprevisibilidade da recepção de uma narrativa. No entanto, isso não invalida a tentativa de perceber algumas formas de operação da recepção para os textos literários.

Dois exemplos levantados por ela ilustram como o modo de leitura impacta a recepção de um mesmo tipo de texto. Em referência a uma situação escolar, Graça Paulino comenta situações em que a literatura está na sala de aula, mas a exigência não é direcionada para a leitura literária.

Sabe-se que, na história dos livros didáticos de língua portuguesa no Brasil, por exemplo, houve época em que todos os textos eram literários, com predominância dos estudos de conteúdos gramaticais. Líamos trechos belíssimos d’*Os Lusíadas* para aprender análise

sintática. Então mesmo sendo poético o objeto da leitura, não o eram os objetivos dela.” (PAULINO, 2008, p. 57)

Mesmo reconhecendo que a compreensão da sintaxe pode ampliar a compreensão da criação poética, ela nomeia como “distorção” a adoção de tais procedimentos como motivo condutor da leitura de textos literários na rotina escolar. A partir dessa situação do uso da literatura nas salas de aula como exemplificação para o ensino da gramática, Graça Paulino infere que o objeto por si (no caso o texto de literatura) não leva à leitura literária. Portanto, uma pessoa que tenha tido, na escola, conhecimento de fragmentos de obras ficcionais, não necessariamente fez delas uma leitura literária. Essa pessoa pode não ter tido acesso ao letramento literário.

Um outro exemplo trazido pela pesquisadora, igualmente de inserção da literatura no âmbito escolar, apresenta uma abordagem bem comum focada em uma interpretação previamente definida do sentido e dos elementos do texto: “Entramos, quando se tornou hegemônica a Teoria da Comunicação, numa fase de escolarização da leitura literária em que os textos literários estavam (e muitas vezes ainda estão) sendo lidos e tratados como as notícias do maremoto”. (PAULINO, 2008, p. 58). Questões como quantas foram as vítimas, como sucedeu o evento, que países atingiu e por que não houve dele previsão guiam a interpretação quando o texto, afirma Paulino, é lido como texto informativo: neste caso “cada resposta sobre textos literários corresponde à verdade dos fatos, textualizados para serem detectados e memorizados”. (PAULINO, 2008, p. 58). Possivelmente, a autora se refere ao excesso de rigor no momento de usar algumas âncoras que podem ser importantes no ensino da literatura, mas que não deveriam ser tomadas sem problematização, a exemplo da divisão por períodos históricos e gêneros literários e do esquadramento de componentes selecionados da narrativa.

Já Rildo Cosson, em *Letramento literário: teoria e prática* (2007, p. 120) inclui em sua definição de letramento literário uma movimentação da pessoa leitora na direção de outra conquista para além do deleite com a palavra poética: “É também [ser leitor] posicionar-se diante da obra literária, identificando e questionando protocolos de leitura, afirmando ou retificando valores culturais, elaborando e expandindo sentidos.” (COSSON, 2007, p. 120) O termo letramento, tradução do inglês *literacy*, se distingue de alfabetização, como elucida o autor: “Trata-se não da aquisição da habilidade de ler e escrever, como concebemos usualmente a alfabetização, mas sim da apropriação da escrita e das práticas sociais que estão a ela relacionadas.” (2007, p. 11)

Deste modo, diz-se que há vários níveis e diferentes tipos de letramento. Naturalmente, um letrado em grau elevado de sofisticação em uma área pode conhecer apenas superficialmente outra. Da mesma forma, mesmo alguém analfabeto teria participação, ainda que precária, em algum processo de letramento. É mais ou menos o que reivindicou o mais popular educador brasileiro, Paulo Freire (1989), ao afirmar que ler é sempre reler, ou seja, quem vai ensinar a leitura a partir da escrita deve considerar uma leitura prévia do mundo que todas as pessoas já fazem.

Como eles, Graça Paulino (2008) argumenta na direção de uma leitura literária não restrita à abordagem escolar mais tradicional e conduzida de maneiras criativas para tomá-la como uma competência social relevante para a pluralidade de pessoas. Falando sobre habilidades exigidas para esse tipo de leitura, ela afirma que, além das cognitivas, as de comunicação (“no sentido de habilidades interacionais”) e as habilidades afetivas, há também, as competências sociais. As quatro são movimentadas em conjunto na leitura literária. “Todos os domínios discursivos, sem exceção, exigiriam e

desenvolveriam habilidades complexas e competências sociais de seus leitores.” (PAULINO, 2008, p. 61)

Compreendendo melhor o argumento da pesquisadora: as habilidades acionadas e estimuladas pela leitura são complexas, pois envolvem cognição, comunicação, afeto e, importante, competências sociais. Sobre estas últimas, ela acredita que um dos modos de contemplá-las é estimular o próprio letramento literário. Pois, as habilidades e as competências sociais são, ao mesmo tempo, pré-requisito para a leitura literária e são elas mesmas desenvolvidas pela leitura. Quanto mais se lê ou quanto mais letrada literariamente for a pessoa, mais hábil ela se torna na acepção descrita. Os domínios discursivos – reforço – exigem e desenvolvem as habilidades e as competências sociais que podem ser lidas como capacidade de leitura social ou consciência (que leva a ações) de si e dos outros diante do contexto social.

Nesta compreensão, para que a pessoa adquira a competência social da leitura literária seria o caso de fazer com que o livro integre a vida cotidiana – estimular o contato com ele, criar condições de acesso –, como ocorre com os textos informativos, amplamente disseminados. São dois textos de natureza muito distinta, obviamente, e está insinuada a necessidade de atenção (social política, educacional) para que pessoas sem intimidade com os livros de ficção tenham acesso ao que se considera um letramento literário.

5 Distante do atendimento clássico: um baú de livros na roça e poetas batendo na porta de casa

A aquisição da competência social da leitura literária ou de alguma intimidade com as histórias ficcionais escritas é almejada pelas pessoas à frente das iniciativas de estímulo à leitura pesquisadas. Até agora percebemos que os projetos procuram fazer, de modo orgânico, caminhos que permitam à pessoa atendida acessar sua interioridade e, com isso, refletir sobre sua presença no entorno, um movimento que é pessoal e impacta o social. A respeito dos modos de chegar a tais objetivos é possível afirmar que nenhuma das propostas, nem mesmo as bibliotecas, têm em mente um atendimento que se poderia chamar de clássico – ou seja, um atendimento que consideraria conhecimentos literários prévios de públicos já familiarizados com o universo dos livros, como aqueles que frequentam livrarias, bibliotecas, eventos literários etc.

Em São Gonçalo do Rio Abaixo (MG), cidade que tem metade dos cerca de 10 mil habitantes vivendo na área rural, a biblioteca precisou sair à procura desses leitores distantes. Foi assim que surgiu, em 2009, o “Ler pra valer em todos os cantos” com o propósito de levar periodicamente um baú com livros de literatura infantil e adulta para as roças da cidade a fim de que a população rural escolhesse os que ficariam sob sua custódia até o retorno da turma da biblioteca. O secretário municipal de Cultura, Aulus de Souza Rodrigues, relatou (em depoimento verbal) que a prefeitura contratou, à época da implantação da iniciativa, uma consultoria para melhorar indicadores sociais e foi identificada a necessidade de aumentar o número de leitores/as.

Junto com o baú de livros, iam também mediadores culturais que contavam histórias, promoviam conversas e davam orientações. Interrompido nas trocas de gestão, o projeto tem a admiração do atual secretário, segundo o qual, uma pequena ação feita na pandemia de Covid-19 conserva o mesmo espírito: trata-se de um *delivery* de livros oferecido pela biblioteca local que entrega os exemplares reservados (por telefone ou pela internet) aos moradores de várias partes da cidade. “Consideramos a leitura como mais uma ferramenta de inclusão no aspecto cultural, principalmente. São Gonçalo tem

vocação muito grande para a cultura e acreditamos que o estímulo pode propiciar um ambiente melhor para as artes e para a autonomia intelectual do cidadão em geral.” (informação verbal)¹³

Também em Mariana (MG), os/as propositores/as do “Poesia Viva – a poesia bate à sua porta” foram atrás do público leitor. Na ação mais singular do projeto, os moradores da cidade abrem as portas de casa para agentes de leitura e poetas que visitam residências para ler poemas, contos e histórias. Trata-se de um “ponto itinerante de leitura”, como o identificam os/as responsáveis pela iniciativa, um grupo de poetas voluntários/as reunidos em torno do jornal “Aldrava Cultural”. É parte da ação também distribuir livros e jornais visando a aguçar o hábito e o gosto pela leitura no lar. Às pessoas contempladas, é sugerido que multipliquem a ação com um vizinho, um parente ou amigo, distribuindo os mesmos jornais e livros e, assim, sucessivamente. Também são feitas outras atividades em escolas da região e em ambientes, como bares, feiras e espaços que ofereçam abertura para saraus, rodas de leitura, oficinas de escrita, formação de agentes de leitura e conversa com autores. O projeto surgiu em 2005, a princípio levando poetas para o ambiente escolar e, a partir de 2009, passou a visitar as casas, como ocorre até hoje.

Em contexto bem diferente, a instituição sem fins lucrativos Chamaeleon, responsável pelo “Literatura cura”, de Brasília (DF) está ciente de que não pode fazer um atendimento formal ou padrão, pois as ações são destinadas a pessoas em extrema fragilidade – vítimas de violência sexual e doméstica. A literatura entra ao lado do atendimento psicológico ofertado a essas pessoas, como explica a coordenadora do projeto e presidente de honra do Instituto, Beatriz Schwab:

Sem exceção, o público-alvo é muito recluso, introspectivo e vive em um universo isolado. A literatura é um pouco assim. A gente lê sozinho, quieto, concentrado. Assim, buscamos a realidade de crianças e adolescentes de um mundo paralelo de agonia, depressão, angústia, desconfiança, medo e sofrimento e incluímos livros de literatura em complementação ao tratamento psicológico que ofertamos. (informação verbal)¹⁴

O intento das ações do instituto, conforme detalha a coordenadora, é unir a psicologia a ações de educação, cultura e outras afins. Com delicadeza, são oferecidas histórias para as pessoas em acompanhamento. Aqui também a leitura é uma ponte para alcançar um objetivo ligado à segurança do indivíduo no mundo como dá a entender Beatriz Schwab: “A leitura é algo que vai auxiliar nosso atendido ou atendida a se autoconhecer em um processo terapêutico para livrar-se de traumas e pesadelos, tornando essa pessoa um cidadão ou cidadã consciente de seu papel na sociedade”.

A partir de pesquisas junto a iniciativas de estímulo à leitura desenvolvidas em países da Europa e da América Latina, Michèle Petit relata sobre as pessoas atendidas que, ao alcançarem um envolvimento com a literatura, “se referiam a alguma coisa mais abrangente do que as acepções acadêmicas da palavra leitura” (2009, p. 12). Elas aludiam, segundo a autora, a textos lidos solitariamente, mas também a histórias apenas ouvidas em leituras em voz alta, a livros apenas folheados, a frases ou fragmentos repetidos e recortados de contextos, a devaneios que geraram colagens de trechos e/ou textos próprios.

¹³ RODRIGUES, Aulus de Souza: depoimento [abr. 2021]. Entrevista concedida a Bianca M Melo. *Online*

¹⁴ SCHWAB, Beatriz: depoimento [abr. 2021]. Entrevista concedida a Bianca M Melo. *Por e-mail*.

Mais do que a decodificação dos textos, mais do que a exegese erudita, o essencial da leitura era, ao que parecia, esse trabalho de pensar, de devaneio. Esses momentos em que se levantam os olhos do livro e onde se esboça uma poética discreta, onde surgem associações inesperadas. (PETIT, 2009, p. 12)

Essa “coisa mais abrangente” capaz de deslocar o “essencial da leitura” para o “trabalho de pensar, de devaneio” está alinhado com a percepção dos/das gestores/as culturais brasileiros entrevistados. Como vimos, eles miram com suas ações, principalmente a possibilidade de reconstrução de subjetividades via leitura. Trata-se do caminho central percebido ou do embasamento mais comum para justificar as ações dos projetos, mesmo sabendo, é sempre bom lembrar, que tratando-se de literatura e de leitura, o alcance dos objetivos não é matemático, nem igual para todos/as.

6 Leitura de literatura como um direito sutil e elementar

A defesa da literatura como um direito disseminada, sobretudo, pelo texto do crítico literário Antônio Cândido, “O direito à literatura” (2004), surge com naturalidade nas falas diretas ou indiretas das pessoas ouvidas. “Vejo a literatura como um direito humano, como disse o Antônio Cândido, por causa da transformação que ela proporciona para as pessoas”, afirma Túlio Damascena, da Borrachaliteca de Sabará. Cândido se pôs a considerar a literatura em face do tema dos direitos humanos, muito discutido em 1988, ano de publicação do texto e da promulgação da “Constituição cidadã” brasileira que se seguiu à abertura política pós-ditadura militar. De início já há um impacto com o pressuposto que ele sugere para os direitos humanos: “reconhecer que aquilo que consideramos indispensável para nós é também indispensável para o próximo” (2017, p. 172). A tendência maior descrita por ele é tomar nossos direitos como mais urgentes que os do próximo. Portanto, as pessoas favorecidas em termos de acesso admitem com facilidade o direito universal a bens fundamentais, como casa, comida, instrução e saúde. Mas ele questiona se os bens que garantem a integridade espiritual das pessoas não deveriam estar assegurados a elas também, como o “direito à crença, à opinião, ao lazer e, por que não, à arte e à literatura” (CÂNDIDO, 2017, p. 174).

Todos os seres em todas as culturas já estão em contato diário com a fabulação, seja como anedota, história oral ou escrita, novelas de televisão etc. Para o autor, o que ocorre em sociedades desiguais como a brasileira é que a desejável intercomunicação de níveis culturais – o popular e o que se denominado erudito – não ocorre. E as observações dele apontam como principal obstáculo a falta de oportunidade, não a incapacidade, o que é exemplificado com um relato sobre operários italianos para quem foi criada ocasião de convívio com as artes.

Cândido retoma uma lei aprovada em Milão, assegurando aos operários determinado número de horas destinadas ao aperfeiçoamento cultural em áreas escolhidas por eles próprios. A expectativa, como narra o autor, era que eles buscariam melhorar o nível profissional por meio de novos conhecimentos técnicos ligados à atividade de cada um. “Mas para surpresa geral, o que quiseram na grande maioria foi aprender bem a sua língua (muitos estavam ainda ligados aos dialetos regionais) e conhecer a literatura italiana. Em segundo lugar, queriam aprender violino.” (CÂNDIDO, 2017, p. 189)

Com esse exemplo e outros de pessoas sem instrução formal sensíveis à arte quando a ela apresentada, o autor sublinha a força que algumas obras têm para ultrapassar a barreira da estratificação social imposta pela desigualdade econômica. Em um exemplo brasileiro narrado por Leyla Perrone-Moisés (2006), o escritor Ferréz, nascido e criado no Capão Redondo, na periferia de São Paulo, afirma que a literatura transformou sua autoestima. “Ora, ao ser perguntado que livro mudou sua vida, a resposta foi: *Madame Bovary*, de Flaubert.” (2006, p. 28). A resposta serve de mote para a pesquisadora refletir sobre o repertório de autores constantes nos currículos das escolas e ponderar que “o ensino de literatura, de qualquer nacionalidade, não é elitista, mas democratizante” (p. 28). Depreende-se das observações de Cândido e de Perrone-Moisés que a barreira não é intransponível e nem sempre necessariamente o caminho para vencê-la é longo. A oportunidade mencionada precisaria materializar-se para que, só depois, questões de interesse, gosto e dificuldades tivessem lugar.

Na prática, Jocelino Tomaz, do Grupo Atitude, de Caiçara (PB) sabe que a realização de ações para formar um público leitor não é um empreendimento 100% garantido e, no entanto, para entusiastas da cultura como ele e os membros do grupo, não há outra opção. É preciso criar formas de garantir o direito das pessoas à literatura. Foi por isso que surgiu, em 2005, a proposta “Grupo Atitude, por uma cidade leitora”, conduzida por Jocelino e mais 16 pessoas, em parte motivados pelo fato de a única biblioteca da cidade estar desativada. Todos os componentes são voluntários – estudantes, professores e apreciadores da leitura. Com o apoio de outras pessoas e de instituições, eles conseguiram fazer ações que reverberaram na cidade de pouco mais de 7 mil habitantes como um todo a exemplo de um abaixo-assinado que mobilizou a mudança do nome de uma praça para “Praça da Leitura”. Também no calendário de Caiçara, há o Dia Municipal da Leitura.

Para chegar a tal dimensão, o grupo conseguiu organizar três bibliotecas comunitárias (uma delas em uma lanchonete), espalhou livros em pontos de leitura diversos, promoveu feiras literárias, fez programas de rádio, ações nas áreas rurais e projetos nas escolas da cidade. Em épocas e períodos diferentes, montaram barraca de livros em uma feira livre, organizaram leituras para detentos da cidade, grupo teatral, curso de desenho e cursinho pré-vestibular. O desejo maior do grupo era levar um número grande de moradores a criar o hábito da leitura, como explica Jocelino Tomaz:

Cultivando o hábito, outras transformações acontecem: ampliação do conhecimento, a mudança pessoal, a evolução intelectual e a evolução espiritual. Enfim, não tem limites, mas, de início, é preciso que a gente realmente tenha a leitura como parte da nossa rotina e isso vemos acontecer de forma mais rara atualmente. (informação verbal)¹⁵

Jocelino Tomaz percebe que muitas pessoas, seduzidas pelas interações mais rápidas e virtuais, não conseguem criar o desejado hábito, o que é uma observação relevante, uma vez que não significa que seja tão simples a atividade de propiciar na vida de alguém a leitura como parte da rotina – tampouco o é para as classes sociais que têm irrestrito acesso a bens culturais, mas nem sempre se aproximam verdadeiramente deles. O que os/as gestores/as culturais defendem é o acesso, a oferta desses bens ao público amplo. É a premissa para o grupo Atitude seguir expondo os livros na vitrine que é a cidade aberta; eles estarão no caminho de quem, porventura interessar-se por lê-los.

¹⁵ TOMAZ, Jocelino: depoimento [abr. 2021]. Entrevista concedida a Bianca M Melo. *Online*

Quando se fala na literatura como um direito, alguém pode argumentar que, em um país com tantas necessidades primárias a serem supridas, aquela se esfumaça como discurso ideológico. O que se depreende das entrevistas e da pesquisa bibliográfica é a perspectiva de um direito tão sutil como elementar. A defesa tem a ver com os ganhos observados no público leitor, descritos em diferentes nuances, tendo em conta, sobre a ação da literatura sobre as pessoas, que ela não se resume a conhecimentos resultantes em aprendizado direto. As conclusões da antropóloga Michèle Petit (2009) junto a mediadores de leitura vão nesta direção. Ela percebeu que a leitura era uma ferramenta não só para alcançar níveis de instrução, mas para elaborar um espaço (interno, sobretudo, mas que pode ser também exterior e compartilhado) de vivência de tempos criativos, poéticos ou simplesmente tranquilos. No cotidiano, muitas das pessoas entrevistadas por ela não tinham oportunidade de encontrar a poesia e a liberdade criativa, muito menos a tranquilidade.

Ouvindo-os [os leitores], ouvindo aqueles que trabalham junto deles, compreendemos que a literatura, a cultura e a arte não são um suplemento para a alma, uma futilidade ou um monumento pomposo, mas algo de que nos apropriamos, que furtamos e que deveria estar à disposição de todos, desde a mais jovem idade e ao longo de todo o caminho, para que possam servir-se dela quando quiserem, a fim de discernir o que não viam antes, dar sentido a suas vidas, simbolizar as suas experiências. Elaborar um espaço onde encontrar um lugar, viver tempos que sejam um pouco tranquilos, poéticos e criativos e não apenas ser o objeto de avaliações em um universo produtivista. Conjuguar os diferentes universos culturais de que cada um participa. Tomar o seu lugar no devir compartilhado e entrar em relação com outros de modo menos violento, menos desencontrado, pacífico. (PETIT, 2009, p. 118)

Ela está dizendo que quem mais precisa dos bens culturais, dentre os quais a literatura é uma expressão, está sendo privada deles. Teria havido um sequestro, opinião corroborada pela pesquisadora argentina Graciela Montes para quem a sociedade deve algo às pessoas que não são leitoras. “Reconheçamos que eles não estavam condenados desde seus cromossomos a não serem leitores, mas, de um modo ou de outro, os mediadores sociais falharam, a sociedade falhou com eles. A todos eles faltou algo que não deveria ter faltado.” (2020, p. 219). Tal percepção leva Montes à conclusão de que este mesmo sistema social deve se responsabilizar pela reparação. “Assim sendo, é bom que a sociedade se encarregue e admita, por mais que isso a desagrade, que não se trata de uma fatalidade do destino, mas de uma consequência de atos históricos e concretos dos quais ela não pode se declarar inocente. A sociedade fabrica não leitores”. (MONTES, 2020, p. 219-220)

O tom enfático de Graciela Montes, adotado em texto em que ela comenta as recorrentes falas lamentando a extinção de leitores/as, é um reforço a mais em um argumento já perceptível nas entrevistas dos/as gestores/as de projetos: quando se pensa em uma sociedade que lê pouco ou menos do que o desejável, a responsabilização da pessoa individual não deve ser o caminho. Falando do livro literário, está indicado que, entre ele e a pessoa que poderá lê-lo deve haver um elemento a mais: uma ponte, um indutor, uma mediação.

7 Leitura expandida

A consideração mais relevante advinda do encontro do pensamento aqui exposto com as experiências relatadas é a expansão da leitura. Consideremos que o tema está sendo lido a partir da perspectiva dos/as gestores/as e, portanto, estamos falando da matéria que justifica as ações de cada empreendimento. Diante da simples questão “o que se espera alcançar com o projeto de leitura”, as respostas indicaram um interesse pelo antes e pelo depois do ato de ler um livro literário especificamente. É verdade que a meta geral é a experiência individual da pessoa leitora solitária lendo um livro. Mas quando afirmamos que a leitura é expandida, isso quer dizer que os projetos alargam o campo do problema (criar maneiras de estimular a leitura entre pessoas sem intimidade com os livros) para atingir o fim (que o público leia), desdobrando a metodologia (quais seriam as ações para alcançar o fim) segundo necessidades locais e buscando incentivos para preencher lacunas de formação, de autoestima, de pertencimentos. Sabemos que em muitas atividades oficiais na área da cultura essas lacunas são ignoradas, sobretudo a mais elementar, a do pertencimento, uma vez que não basta a existência de um local público (biblioteca, museu, galeria etc) para que pessoas sintam-se convidadas a entrar e confortáveis a permanecer. Como afirmou Marli Silveira (“À Flor da Pele”): “é necessário encurtar as distâncias”.

Sendo o cerne dos projetos pesquisados, a leitura acaba sendo também um farol e um trampolim para outros objetivos relacionados em uma compreensão, já sabemos, não restrita a uma fala sobre benefícios cognitivos da pessoa que lê. A esta altura cabe retomar as duas respostas mais comuns para a questão “o que você entende como leitura”, no questionário enviado aos/às líderes das iniciativas: “a leitura como uma possibilidade para as pessoas contempladas conhecerem a si mesmas; e a leitura pensada como uma ponte para alcançar posições e/ou segurança e/ou dignidade”. Em resumo, um pensamento voltado para o indivíduo que mira o coletivo e, simultaneamente, o oposto.

Essa percepção generalizada entre os/as entrevistados/as se associa à consciência da literatura como um direito, inclusive e sobretudo, para públicos comumente afastados dela. A biblioteca do centro de acolhida Arsenal da Esperança, em São Paulo, existe unicamente para atender aos homens que recorrem ao abrigo para não passar todas as noites na rua, ainda que haja chance de eles não voltarem no dia seguinte. “A biblioteca aberta à noite é uma luz acesa. Mesmo os que não estão aqui a veem. Ela fala por si. Não precisa de cartaz. Está dizendo que, se você quiser, todo mundo aqui tem acesso. Está aberto. É para você”, relata Simone Bernardi, coordenador do espaço.

Como partidários da literatura como direito, todos colocam o livro muito acessível, fácil de achar, de pegar ou de devolver quando é o caso. Lembremos da Biblioteca Graça Rios ou da Borrachaliteca nas quais o empréstimo não tem grandes exigências; e do Grupo Atitude que chegou a montar uma “Lanchoteca” em local de grande circulação e levar livros para a feira livre da cidade. Está expressa a intenção de criar uma comunidade leitora em que os livros estejam no caminho ou na porta de casa. Uma comunidade não apartada da comunidade já existente. E também espaços de leitura que se articulem à vida desses lugares, abrindo uma clareira sem ser uma ilha social que poderia afastar o público.

Desta forma, é possível afirmar que os exemplos sugerem um caminho para o letramento literário descrito por Rildo Cosson (2007), porém, ele não passa por uma pedagogia, mas muito mais pelo alcance e convivência com os livros. O estímulo é um chamado à ocupação. Não se “tem” que aprender, mas pode-se conhecer, descobrir. Ou, como expressou Andreia Leal, do “Poesia viva – a poesia bate à sua porta”, os

aprendizados se dão “num ato de liberdade e libertação do eu participante da vida, eu-identidade-construtor do mundo e de mim mesmo; do aprender a ser polifônico, metonímico, completo, em plena evolução e desenvolvimento de suas potencialidades adormecidas”. (informação verbal)¹⁶. Cosson afirma que o letramento não consiste só na aquisição da leitura e escrita como habilidades, mas na apropriação da escrita e das práticas sociais a elas relacionadas.

Nos exemplos que temos acompanhado, as práticas sociais estão em evidência. Elas justificam o uso da leitura como instrumento, o que enfatiza as iniciativas como fomentadoras do letramento literário. Em conformidade com os exemplos vistos, vamos descrever o letramento literário como uma capacidade de interação com o livro na qual a pessoa leitora mobiliza suas competências sociais – neste caso para interpretar o mundo e a sua posição nele. E como interação, a leitura resultante exige e desenvolve essas competências sociais – conforme mencionado por Graça Paulino. O estímulo ofertado vai nessa direção.

Do ponto de vista dos espaços de liberdade que cada iniciativa buscar propiciar é relevante afirmar que a palavra “acesso”, repetida neste texto, não encerra uma solução. Os livros já podem estar acessíveis a quem puder baixar arquivos em formato PDF ou outros, por exemplo, ou buscar um exemplar na biblioteca da escola ou na pública, quando a região conta com uma. Os/as gestores/as culturais entrevistados/as estão se guiando pelo acesso e pelo direito traduzidos em mediação, em convívio e em sensibilidade, indicando que cada situação pede uma proposta. Sendo diversos os projetos, reforce-se a característica comum de visar um público próximo, usando ferramentas que estão à mão. Cada um faz o que está no seu horizonte e outras situações vão se dando naturalmente, como as revistas e livros surgidos da necessidade de expressão das detentas ligadas ao “À flor da pele”. Ou seja, a necessidade que pode parecer inexistente, quando olhada, mostra seu tamanho e potencialidade onde parecia muitas vezes improvável. Assim como em São Gonçalo do Rio Abaixo, na qual a população rural não era alcançada pela biblioteca, mas respondeu bem à programação trazida pelo projeto.

Vale aludir à relativa facilidade de construir uma sala de livros ou arrecadar alguns em campanha de doação, o que torna o projeto com literatura mais viável se comparado a outras artes que envolvem maior estrutura. E, no entanto, o entusiasmo e a força de trabalho de uma pessoa, que geralmente convoca outras, se mostrou essencial. À exceção do “Ler pra valer em todos os cantos”, enquanto ativo comandado pela biblioteca municipal, ligada à Secretaria de Cultura de São Gonçalo do Rio Abaixo, todos os outros são tocados por pessoas físicas ou instituições da sociedade civil. Nisso, pode-se acrescentar como constatação que a iniciativa individual é um fator importante desses projetos.

Levados a pensar no “Ler pra valer em todos os cantos”, descontinuado em uma troca de gestão municipal, e, somando-se o exemplo do próprio sistema promotor do prêmio Vivaleitura, desbaratado no atual governo federal,¹⁷ nota-se uma relevante contribuição ao estímulo à leitura – com liberdade e vislumbre de desenvolvimento

¹⁶ LEAL, Andreia: depoimento [mar. 2021]. Entrevista concedida a Bianca M Melo. *Online*

¹⁷ Um exemplo muito citado em fóruns de discussão sobre o assunto é a extinção do Conselho Consultivo do Plano Nacional do Livro e Leitura, em 2019. Este conselho era o principal responsável por fazer a ligação das ações governamentais com a sociedade civil, uma vez que tinha representantes dos setores envolvidos no universo dos livros. Ademais, houve muitos desligamentos de pessoas que poderiam manter a política efetiva para os livros ativa e crítica; além de cortes orçamentários e imposições de ações ideológicas neste setor que não cabem explicar nesta nota. Mais a respeito da extinção do conselho em <<https://biblioo.info/o-que-de-fato-mudou-no-pnll-com-o-fim-do-seu-conselho-consultivo>> Acesso em 15 de junho de 2021.

humano – sustentado por grupos não governamentais. É verdade que os editais públicos de estímulo à cultura podem fomentar algumas dessas ações em dado momento, mas todo o trabalho de idealização, planejamento, gestão e prestação de contas, quando ocorre uma liberação de verba, está nas mãos dos executores do projeto. A leitura como prática social no nosso conjunto de análise se materializa por mãos de pessoas físicas que a têm como atividade política, mas também cotidiana e encarnada na singularidade de cada contexto.

Referências

CÂNDIDO, A. “O direito à literatura”. In *Vários escritos*. CANDIDO, A. 6.ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2017, p. 169-191.

CHARTIER, R. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. 2.ed. Brasília: Ed. UNB, 1998. Trad. Mary Del Priore.

COSSON, R. *Letramento literário: teoria e prática*. 1.ed. São Paulo: Contexto, 2007.

FREIRE, P. A importância do ato de ler. In FREIRE, P. *A importância do ato de ler*. 23.ed. São Paulo: Ed Cortez, 1989.

PERRONE-MOISÉS, L. “Literatura para todos”. *Revista Literatura e Sociedade*, v11, n 9, 2006, p. 16-29.

MONTES, G. *Buscar indícios, construir sentidos*. 1.ed. Salvador, Solisluna Editora, 2020. Trad. Cícero Oliveira.

PAULINO, M. G. Algumas especificidades da leitura literária. In PAIVA, A. et al (orgs). *Leituras literárias: discursos transitivos*. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica/Ceale/Fae/UFGM, 2008, p. 55-68.

PETIT, M. *A arte de ler ou como resistir à adversidade*. São Paulo: Editora 34, 2009. Edição *online* disponível <em <http://lelivros.info/>>. Consulta em 01/04/2021.

Páginas eletrônicas

Plano Nacional do Livro e Leitura. Disponível em <<http://snbp.cultura.gov.br/pnll/>>. Consulta em 18/03/2021 [Site do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas]